



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

EDNALDO JOÃO DAS CHAGAS

O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA
EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE NÍVEL FUNDAMENTAL: REALIDADE E
PERSPECTIVAS

MACAPÁ – AP
2009



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

EDNALDO JOÃO DAS CHAGAS

O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA
EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE NÍVEL FUNDAMENTAL: REALIDADE E
PERSPECTIVAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao colegiado do curso de licenciatura Plena em Letras da Universidade Federal do Amapá, como requisito final de avaliação para crédito em nível de graduação, orientado pelo professor Mestre Élvio Zenker Souza.

MACAPÁ – AP
2009



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

EDNALDO JOÃO DAS CHAGAS

O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA
EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE NÍVEL FUNDAMENTAL: REALIDADE E
PERSPECTIVAS

AVALIADORES

Avaliado em: ____/____/2009

MACAPÁ – AP
2009

Dedico este trabalho ao meu Pai, Vicente João das Chagas, que nos deixou, mas permanece vivo em minha memória, principalmente pelo exemplo de homem, de pessoa, de ser humano que tanto contribuiu para que eu seja a pessoa que sou hoje.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela força em todos os momentos;

À minha família: meu Pai, que mesmo falecido sempre me deu força; a minha Mãe, que sempre esteve comigo, e aos meus irmãos, que, nas horas difíceis, sempre me apoiaram.

Aos meus amigos, pelo incentivo, especialmente a Marcelo e Valdeci, pela acolhida em sua casa durante esse período tão importante em minha vida.

Aos meus colegas de turma, pelos momentos de alegria, discussões e troca de conhecimentos que tanto contribuíram para uma formação pessoal e, principalmente, profissional.

Aos professores do curso de Letras, em especial ao professor e orientador Élvio Zenker Souza, pela contribuição e paciência na construção deste trabalho.

Mesmo que as pessoas mudem e suas vidas se reorganizem, os amigos devem ser amigos para sempre, mesmo que não tenham nada em comum, somente compartilhar as mesmas recordações.

(Vinícius de Moraes)

“A língua não é apenas um instrumento autônomo de codificação, produção e transmissão de sentidos, objetivos unívocos e claramente inscritos no texto. Embora apresente certa estabilidade formal, a língua é uma atividade contextualmente situada, cognitivamente determinada, social e historicamente constituída” (Marcuschi, 1998).

RESUMO

Este estudo é direcionado teoricamente no campo da Linguística Aplicada. Situado na língua estrangeira, mais especificamente a área da língua inglesa, tem como foco o ensino dessa língua e seus momentos de interação em sala de aula da escola Estadual Everaldo da Silva Vasconcelos Júnior, localizada no município de Santana – AP.

Esta pesquisa qualitativa de cunho etnográfico em um estudo de caso, deu-se a partir da inquietação em saber como se encontra o ensino de língua inglesa nas escolas públicas, de nível fundamental, do Amapá, uma vez que nesse estado, fronteiroço, o idioma Francês é bem presente.

Os resultados revelaram que o inglês ainda prevalece na preferência dos sujeitos pesquisados. Mas muitos pontos precisam ser melhorados, principalmente quando se trata de estrutura e material didático. Também foi possível detectar que há uma consciência dos professores em relação à importância da língua estrangeira na formação do aluno, por isso fazem o melhor possível para tornarem as aulas atraentes e produtivas.

Palavras chave: Ensino de língua inglesa – estudo de caso – interação.

ABSTRACT

This study is directed theoretically in the field of Applied Linguistics. Situated in a foreign language, more specifically, the English language, it focuses on the teaching of language and moments of interaction in the classroom of the school Everaldo da Silva Vasconcelos Junior, located in Santana – AP.

This qualitative ethnographic case study occurred from the restless wish of knowing how is the teaching of English in public fundamental schools of Amapá, since at this state borders, French language is very present.

The results showed that English still prevails in the preference of the subjects studied. But many points need to be improved, especially when it comes to structure and material. It was also possible to detect that there is an awareness of teachers about the importance of foreign language in student education, so they make the best possible to make the school attractive and productive.

Key words: Teaching English – case study – interaction

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 – UM OLHAR SOBRE O ENSINO DE LINGUA ESTRANGEIRA.....	13
1.1 ENSINO DO INGLÊS (L.E) EM ESCOLAS PÚBLICAS.....	16
1.2 OS PCNs E O ENSINO DE LINGUA ESTRANGEIRA.....	18
1.3 FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE INGLÊS.....	21
1.4 TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA.....	24
2 – METODOLOGIA.....	27
2.1 BASE ETNOGRÁFICA.....	28
2.2 ESTUDO DE CASO.....	30
2.3 SUJEITOS DA PESQUISA.....	32
2.4 COLETA DE DADOS.....	34
3 - ANÁLISE DOS DADOS.....	36
3.1 OBSERVAÇÃO.....	37
3.2 QUESTIONÁRIO DO PROFESSOR.....	39
3.3 QUESTIONÁRIO DO ALUNO.....	42
3.4 REFLEXÃO SOBRE OS DADOS COLETADOS.....	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	48
ANEXOS.....	50

INTRODUÇÃO

A inserção de uma segunda língua é algo presente no processo educacional do Brasil, pois esse direito é regulamentado por lei ao ensino médio e facultado ao ensino fundamental na rede pública de educação. Perante este fato, é possível constatar diversos fatores que contribuem para o limitado desempenho da segunda língua nessa faixa etária de ensino na instituição escola neste País.

É notória a relevância de uma segunda língua na formação do cidadão. Em especial, quando se trata da língua inglesa, a qual tem uma função social altamente significativa em virtude de sua importância no contexto mundial, o que possibilita ao aprendiz não só conhecimentos lingüísticos, mas também cultural. Ter uma formação precoce nessa língua, desde o ensino fundamental, lhe dará suporte para aprimorar e estruturar seus conhecimentos, proporcionando o desenvolvimento da consciência e da cidadania.

Moita-Lopes (1996), afirma que, no Brasil, há uma predominância do ensino de língua Inglesa nas escolas públicas, o que remete não a uma idealização desse idioma, mas ao reconhecimento de sua importância em um contexto global.

O estudo das práticas de ensino – aprendizagem de língua inglesa em escolas públicas amapaenses deu-se em virtude da necessidade de conhecer e expor como essa língua vem sendo tratada nas instituições de ensino em nível fundamental. Uma vez que a localização geográfica do Amapá (fronteira com Guiana Francesa) tende a valorizar e conseqüentemente priorizar o idioma Francês como segunda língua. Além disso, esse Estado representa, ainda, um caráter emergente no âmbito nacional, apresentando um nível avançado de deficiência quanto à formação de professores de inglês. Isso possibilita a procura por respostas referente ao andamento e desempenho desses profissionais em sala de aula, e principalmente conhecer a concepção desses docentes a respeito da língua inglesa na escola. A partir da aproximação e conhecimento dessa realidade, traçou-se, neste estudo, um paralelo com os Parâmetros

Curriculares Nacionais (PCNs), permitindo aproveitar as “novas” idéias neles contidas, contrapondo-se à antiga concepção que via a língua estrangeira como atividade extra, sem qualquer papel importante na formação do aluno.

Ao direcionar esta pesquisa às práticas de ensino de Língua Inglesa, tendo como base os PCNs, este trabalho desenha um quadro mostrando a realidade dessa língua em uma escola de ensino regular da rede estadual localizada no município de Santana Amapá. Nesse contexto, desenvolveram-se procedimentos metodológicos visando descrever a realidade no ambiente de sala de aula. Com base em um estudo de caso, em uma perspectiva qualitativa de cunho etnográfico, todos os dados foram coletados e analisados do modo mais imparcial possível, proporcionando relevância e confiabilidade neste trabalho.

Enquanto estudante-pesquisador da linguagem, procurei apresentar de forma nítida a realidade no que diz respeito ao processo de ensino-aprendizagem de Língua Inglesa. Este processo esteve ligado à escola estadual Everaldo da Silva Vasconcelos Júnior, no município de Santana – Amapá. O foco desse trabalho é as práticas de ensino de professores, assim como o interesses dos alunos pelo idioma inglês. Desta forma, os professores da área e as turmas de oitava série da referida escola foram selecionados como sujeitos da pesquisa, contribuindo de forma significativa à aplicabilidade deste trabalho.

Para fundamentar essa discussão, buscou-se embasamento em alguns teóricos, como Moita Lopes, Eni Orlandi, Marli André, dentre outros. Além desses pensadores voltados ao âmbito da pesquisa em línguas, também são ressaltados, nesse estudo, documentos que regem a educação brasileira, tais como as Leis de Diretrizes e Bases (LDB) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).

1 - UM OLHAR SOBRE O ENSINO DE LINGUA ESTRANGEIRA

O estudo da linguagem perpassa por diversos parâmetros durante o processo educacional; essa linguagem tem como ponto de partida na aquisição da língua materna. A partir daí, o ser humano desenvolve a capacidade de adquirir novos conhecimentos, inclusive novos idiomas. Essa capacidade tende a ser concretizada, aprimorada e fortalecida em sala de aula através do processo de ensino – aprendizagem.

Em se tratando desse processo no contexto de língua, destacamos em primeiro plano a idéia de linguagem apresentada por Orlandi (2002), a qual nos mostra que, ao mesmo tempo em que é constituída, a linguagem é um fator importante para o desenvolvimento mental, exercendo uma função organizadora e planejadora do pensamento. Isto nos leva a observar que a linguagem tem uma função social e comunicativa. Ainda segundo essa autora:

(...) é através da ação do ser humano que se tem acesso ao mundo físico-social, pois é através dessa atividade social que o mundo será transformado em significado, em conhecimento e linguagem. (ORLANDI, 2002)

Quando se fala no ensino-aprendizagem de uma segunda língua, no Brasil, em especial nas escolas públicas, mais especificamente, no ensino fundamental, é notável a insignificância imposta por parte da instituição escola. Além disso, também é recorrente uma antipatia adotada por grande parte dos alunos, os quais colocam em xeque sua própria capacidade de aprendizagem. Isso deixa visível o obstáculo enfrentado por esse processo no decorrer tanto da vida estudantil do discente quanto na vida profissional do professor.

Pode-se afirmar que as práticas de ensino-aprendizagem de língua estrangeira nessa faixa etária se tornam algo desafiador, mesmo sendo durante o ensino fundamental que o aluno passa por um momento propício para aprender uma segunda língua. Para Brown (2001), a linguagem desenvolve-se melhor na infância. Ainda neste contexto, Schutz (2003), afirma

que por razões de ordem biológicas e psicológicas, quanto mais cedo à criança venha ter contato com a língua estrangeira melhor torna-se o ritmo de assimilação da língua alvo. Assim, cabe ao professor administrar essa vantagem psicolinguística do aluno em prol do bom rendimento e aproveitamento do ensino dessa língua no âmbito de sala de aula.

Por outro lado, presencia-se uma grande deficiência educacional no Brasil, especialmente quando falamos em educação pública. É preocupante perceber o desinteresse que escolas e/ou professores apresentam em relação ao ensino – aprendizagem de uma língua estrangeira. É de suma importância que o “cidadão” tenha conhecimento de, pelo menos, um idioma, além de sua língua materna, pois a atual globalização exige de seus membros o entendimento de uma língua que tenha uma significativa importância no âmbito mundial. Nos dias atuais, essa língua é representada pelo idioma Inglês, o qual representa alta relevância e presença no setor educacional, independente da localização geográfica.

Para destacar o processo de ensino “em sala de aula de línguas”, conforme enfatiza freqüentemente Moita-Lopes (1996), recorreremos à concepção de André (1995), que ressalta ser fundamental conhecer o dinamismo do cotidiano escolar e reconhecer seus valores nesse ambiente. Além disso, é necessário levar em consideração as dimensões que fundamentam esse estudo, em especial a dimensão instrucional, que abrange as situações de ensino, nas quais se dá o encontro Professor-aluno-conhecimento. Nessas situações estão envolvidos os objetivos e conteúdos do ensino, como: atividades, material didático, linguagem e outros meios de comunicação entre professor e aluno.

Dessa forma, é imprescindível reforçar que este estudo transita entre os elementos que compõem o processo de aquisição da linguagem, assim como sua influência no ensino aprendizagem de língua estrangeira, em especial o Inglês, traçando um paralelo com os Parâmetros Curriculares Nacionais. Neles, encontramos os seguintes dizeres:

(...) o ensino-aprendizagem de língua estrangeira deve focalizar o social, oferecendo suporte aos alunos para refletirem sobre quem são assim como sua situação em relação ao mundo. (PCN; 1998)

Esse paralelo é estabelecido através de uma abordagem reflexiva, uma vez que é recorrente uma discrepância entre teoria e prática, principalmente quando se trata de realidade tão plural como a encontrada nas escolas brasileiras. Mas essa proposta de ensino de língua estrangeira desvinculada da realidade, focalizando apenas tópicos gramaticais, perpassa, no Brasil, desde a chegada da família real Portuguesa por essas terras e, com ela, a inserção de outras línguas (inglês e francês) no currículo escolar.

Durante essas últimas décadas, com presença de leis regimentais (LDB) e dos PCNs, o ensino de língua estrangeira (moderna)¹ tem sido visto de forma mais comunicativa, uma vez que esses parâmetros estabelecem *competências e habilidades* que deve prevalecer como objetivo no contexto de sala de aula, dentre as quais: representação e comunicação; investigação e compreensão; contextualização sócio – cultural.

Todo esse aparato ‘legal’² e inovador, sem dúvidas é um grande passo dado em prol do ensino de uma segunda língua em escolas públicas. Porém, acordando com a conclusão de Moita Lopes (1996), a realidade em sala de aula ainda deixa muito a desejar, pois, em sua maioria, prevalece métodos e estruturas gramaticais de forma segmentadas, tratando a língua não como sistema comunicativo e sim algo desconexo cotidiano do aluno.

¹ Língua estrangeira moderna é termo usado, atualmente, para tratar do ensino/aprendizagem de um “novo” idioma. Essa concepção trata a língua como algo vivo, mutável, tendo como foco os aspectos funcionais da linguagem, isto é, a língua como sistema de comunicação.

² Aparato legal é entendido como as normas que regularizam o meio educacional em país. No Brasil, essas normas são representadas principalmente pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).

1.1 - ENSINO DO INGLÊS (L.E) EM ESCOLAS PÚBLICAS

Esse tópico é dedicado à presença da língua inglesa, como língua estrangeira³, nas escolas públicas. Aqui, serão abordados, em um contexto amplo, em nível de Brasil, os pontos que justificam sua inserção, permanência e importância tanto no meio educacional quanto social.

Por motivo de adaptações ao capitalismo gerado com o fim do monopólio Português, e aproximação comercial com o império britânico, a chegada da família real ao Brasil, por volta de 1808, trouxe consigo, também, uma língua estrangeira. Para esse fim comercial, a língua inglesa predominou em virtude do momento histórico que seu país berço atravessava. Desde então, o processo evolutivo desse idioma tem sido proporcional ao desenvolvimento dos países que a tem como língua materna, em destaque os Estados Unidos, pois, a partir do neo-imperialismo⁴, e conseqüentemente a globalização, o ensino de língua inglesa tornou-se imprescindível e presente em diversos países.

No Brasil ensino de língua estrangeira em escolas públicas, dá-se a partir da lei 5.692/71, a qual determina como obrigatória à presença dessa disciplina durante todo ensino médio e facultativo ao ensino fundamental, porém, é fato que a maioria das escolas adota uma língua estrangeira desde o quinto ano do ensino fundamental.

(...) A aprendizagem de uma língua estrangeira, juntamente com a língua materna, é um direito de todo cidadão, conforme expresso na Lei de Diretrizes e Bases e na Declaração Universal dos Direitos Lingüísticos, publicada pelo Centro Internacional Escarre para Minorias Étnicas e Nações (Ciemen) e pelo PEN-Club Internacional. Sendo assim, escola não pode mais se omitir em relação a essa aprendizagem. (PCNs: 1998)

³ Língua estrangeira é entendida como aquela língua não materna e ensinada/aprendida sob condições formais, com aulas na escola ou cursos, e geralmente não usada no cotidiano.

⁴ O neo-imperialismo é entendido como uma política de domínio territorial, militar, econômico e/ou cultural de um país sobre outro.

Para Moita-Lopes (1996), o ensino de língua estrangeira no Brasil é composto, em sua maioria, pelo ensino de língua Inglesa, o que, até certo ponto, não supre a carência cultural de um país, uma vez que o monopólio do ensino-aprendizagem de LE pode limitar o conhecimento de um povo. Mas essa presença forte da língua inglesa em nosso país justifica-se em virtude da atual globalização e da necessidade do aprendiz na busca de altos níveis de escolaridade, pois, em estudos de graduação e, principalmente, de pós-graduação, o conhecimento desse idioma torna-se imprescindível.

Essa inserção da LE na escola pública é alvo freqüente de comentários e críticas, uma vez que *justificam* a não prioridade dessa disciplina no currículo público. Para Freire, (1974, apud Moita-Lopes 1996) “essa é uma questão sociopolítica, posto que a proposta de ensino de LE possa auxiliar no desenvolvimento da capacidade de letramento global do aluno da escola pública, dando-lhe uma possibilidade a mais de lutar pela transformação social”. Com isso, percebe-se que a presença da língua estrangeira na rede pública de ensino do Brasil enfrenta grandes obstáculos, como poucas condições de trabalho, má formação de professores, etc. Esses agravantes podem contribuir para que o ensino de LE direcione-se basicamente a aquisição da leitura, deixando em segundo plano as demais habilidades (ouvir, falar, escrever). Assim é gerado um descrédito, um pouco aproveitamento no ensino aprendizagem de língua estrangeira nas escolas públicas.

Essa realidade do ensino LE, no Brasil, foi observada pelo Ministério da Educação e abordada nos Parâmetros Curriculares Nacionais sob as seguintes conclusões:

- O ensino de Língua Estrangeira não é visto como elemento importante na formação do aluno, como um direito que lhe deve ser assegurado.
- A maioria das propostas prioriza o desenvolvimento da habilidade de compreensão escrita.

- Em alguns estados, ainda, a Língua Estrangeira é colocada fora da grade curricular.

De modo amplo, a língua estrangeira presente em sala de aula não é vista com sistema de comunicação, prevalecendo como objetivo, em sua maioria, aspectos de leitura, de decodificação, como se pode perceber na abordagem PCNs:

(...) O desenvolvimento de habilidades orais como central no ensino de Língua Estrangeira no Brasil não leva em conta o critério de relevância social para a sua aprendizagem. Com exceção da situação específica de algumas regiões turísticas ou de algumas comunidades plurilíngües, o uso de uma língua estrangeira parece estar, em geral, mais vinculado à leitura de literatura técnica ou de lazer. (MEC: 1998)

Ainda nesse sentido, mesmo as exigências sociais de uma segunda língua, aqui no Brasil, focalizam especificamente processos seletivos (vestibular) e exames de pós-graduação, os quais requerem do candidato um conhecimento restrito de leitura. Ao ser inserida nessa perspectiva, a língua pode perder sua conjectura explícita de linguagem, perdendo, também, sua função social.

1.2 - OS PCNs E O ENSINO DE LINGUA ESTRANGEIRA

Este item tratará especificamente da abordagem que os PCNs fazem em relação ao ensino de língua estrangeira, que em sua maioria, no Brasil, diz respeito ao inglês⁵. Porém, seu foco é nortear o professor no desempenho da língua estrangeira como um todo, procurando despertar as competências e habilidades básicas ao falante de uma segunda língua.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais foram criados em 1998 por pesquisadores/educadores brasileiros com o intuito de ampliar e aprofundar um debate

⁵ Essa afirmação de que a língua é estudada na maioria das escolas públicas brasileira diz respeito ao resultado de trabalho realizado por Luiz Paulo da Moita Lopes, inserido na obra Oficina de Linguística Aplicada.

educacional que envolvesse as entidades educacionais, governos e sociedade e originasse uma transformação positiva no sistema educativo brasileiro (PCN, 1998). Tendo em vista a grande discrepância na sociedade do Brasil, limitando seus habitantes ao acesso a uma língua estrangeira, com exceção dos estados de fronteira que se aproximam do espanhol, pensou-se em proporcionar a possibilidade de brasileiros terem contato com uma segunda língua. Em virtude disso, esses parâmetros curriculares orientam a importância da língua estrangeira ao ensino público, excepcionalmente ao nível fundamental.

Segundo os PCNs (1998), esse processo parte da premissa de que o conhecimento dessa (s) disciplina(s) pode proporcionar e desempenhar uma função social bastante relevante ao desenvolvimento intelectual dos alunos, uma vez que o nível fundamental torna-se o período ideal, pois esse é um momento de aceleração no que diz respeito ao processo de aprendizagem. Observe:

(...) A aprendizagem de Língua Estrangeira no ensino fundamental não é só um exercício intelectual em aprendizagem de formas e estruturas lingüísticas em um código diferente; é, sim, uma experiência de vida, pois amplia as possibilidades de se agir discursivamente no mundo. (PCNs: 1998).

Ainda de acordo com os PCNs (1998), para que haja a inserção de uma determinada língua (estrangeira) ao currículo escolar, alguns fatores são levados em consideração, dentre eles fatores históricos, fatores relativos às comunidades locais, fatores relativos à tradição.

Quanto aos fatores históricos, esses são relacionados ao desempenho de uma determinada língua em momentos históricos da humanidade, com isso ressaltando a relevância de sua aprendizagem. Tal relevância é justificada por sua representação em um contexto mundial, abrangendo, principalmente, os campos educacional, científico e cultural.

No que diz respeito aos pontos que tratam das comunidades locais, a língua estrangeira priorizada para ser inserida no currículo escolar será a que atenda aos interesses de regiões de

fronteira, áreas de imigrantes, aldeias indígenas, etc. Porém, em áreas indígenas e em comunidades de surdos, nas quais a Língua Portuguesa não seja a língua materna, o Português pode ser ensinado como segunda língua.

Já quanto à tradição, a língua estrangeira é vista pela sua relação cultural com outros países. Como exemplo, o Francês, que sempre foi sinônimo de luxo e *glamour*; por outro lado, atualmente temos o Inglês, o qual representa poder, *status*.

A presença de uma língua estrangeira no currículo escolar é capaz de levar ao aluno conhecimentos que vão além da aprendizagem de um segundo idioma. Em outras palavras, o contato com outra(s) língua(s), levará o ser humano a uma nova percepção de linguagem, fazendo com que ele possa refletir sobre o funcionamento de sua própria língua materna.

Para os PCNs (1998), esse conhecimento mútuo representado pela linguagem não é estático e está diretamente ligado à cultura. Pois, à medida que se tem acesso a elementos culturais estrangeiros, o processo se repete, isto é, visualiza-se sua própria cultura de forma mais intensa e consciente. Essa relação de proporcionalidade entre línguas e culturas leva o aluno/aprendiz/cidadão/ser humano a compreender e, conseqüentemente, aceitar as diferentes maneiras de comportamento, de expressões, minimizando preconceitos e desigualdades.

Tanto no contexto social como educacional, os PCNs retratam varias perspectivas que equalizam o ensino de língua estrangeira, em essencial, o nível fundamental. Primeiro, aborda o setor educacional, o qual recebe uma contribuição bastante significativa no âmbito lingüístico. Em seguida, pode-se ressaltar uma visão pragmática, a qual leva em consideração os aspectos de desenvolvimento global, a velocidade da informação e a necessidade de se ter domínio de mais de um idioma para acompanhar uma sociedade informatizada, que apresenta uma linguagem cada vez mais instantânea.

Dentre outras perspectivas presentes nos PCNs, como: “a língua estrangeira e a exclusão social”; “língua estrangeira como libertação”, nessa ultima o inglês é visto como

língua estrangeira hegemônica⁶; nesse mesmo contexto, a língua estrangeira é relacionada à construção da cidadania, nesse ponto, confirma-se a importância de uma segunda língua no ensino fundamental, a qual atua de forma construtiva da educação formal⁷, proporcionando reflexões a respeito da realidade social, política e econômica.

Mediante esses aspectos, constata-se que, embora sendo criados como documento, os PCNs apresentam e/ou abrem margens à flexibilidade, ou seja, é considerado de natureza aberta, como o próprio nome sugere: “Parâmetros,” que pode ser adotado como uma coordenada, um caminho que pode ser trilhado de diversas formas, à medida que sua natureza não seja comprometida, pois esse é um referencial comum à formação escolar no Brasil.

Nesse aspecto, é importante que se considerem interesses e motivações dos alunos e que esse processo possa garantir um desempenho satisfatório à formação de cidadãos autônomos, críticos e participantes, prontos para atuarem com competência e responsabilidade na sociedade em que vivem.

1.3 - FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE INGLÊS

Neste tópico será feita uma abordagem, em linhas gerais, a respeito da formação do professor, em especial o professor de língua estrangeira (inglês), pois, assim como em qualquer outro meio profissional, a qualificação adequada pode fazer a diferença, principalmente quando se trata do contexto educacional.

Partindo da dicotomia “aprender e ensinar”, os dias atuais, levam-nos a refletir que, em um contexto social, a escola ainda tem uma posição de destaque na formação de cidadãos.

⁶ Nesse caso, hegemonia adota o conceito de liderança. De modo amplo, indica dominação consentida, especialmente de uma classe social ou nação sobre seus pares. Em se tratando de língua, a língua estrangeira hegemônica é a inglesa. Isso se dá, atualmente concebido, em virtude de sua importância no contexto mundial.

⁷ A educação formal é aquela oferecida pelos sistemas formais de ensino em escolas, faculdades, universidades e outras instituições, que geralmente se constitui em uma escada contínua de ensino.

Essa importância é intensificada quando se trata do processo de formação de profissionais que atuarão como professores, uma vez que a relevância dessa área de atuação implica diretamente em uma boa estrutura e funcionamento da sociedade em que se vive.

O ensino de língua estrangeira, em especial o inglês, necessita como pré-requisito, de uma formação acadêmica compatível com a área de atuação. Essa exigência se dá a partir do objetivo de controlar a qualidade do processo de ensino-aprendizagem em sala de aula. Esse ponto é enfatizado, pois é comum pessoas candidatas⁸ a ‘professores’ possuindo apenas conhecimentos lingüísticos, geralmente obtidos em cursos livres ou intercâmbio, sem nenhum discernimento didático/pedagógico, requisito básico ao exercício da profissão, adquirido nas licenciaturas. Além disso, a Lei de Diretrizes e Bases, órgãos que rege a educação no âmbito nacional, através do artigo 62, regulamenta que:

A formação docente para atuar na educação básica, far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admita como formação mínima para exercício do magistério na educação infantil, e nas series iniciais e fins do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal. (LDB, 1996).

Nesse contexto, a formação docente exige que o profissional esteja preparado para atuar em sala de aula de forma significativa, fugindo da rotina e reprodução de conhecimentos. Isso o levará a reflexão a respeito dos procedimentos adquiridos e concretizados durante seu histórico escolar, tanto como aprendiz como professor. Como defende Tardiff:

Em primeiro lugar, uma boa parte dos os professores sabe sobre ensino, sobre os papéis do professor e sobre como ensinar provém de sua própria história de vida, e, sobretudo de sua história de vida escolar. (1999)

⁸ Quando é abordado o termo ‘pessoas candidatas’, refere-se àquelas, que por motivo de carência de professores licenciados e habilitados para atuarem em sala de aula, que exercem o cargo de forma remediadora.

A partir de uma visão ampla, do processo de formação do professor, percebe-se que esses profissionais são treinados, simplesmente, para utilizarem técnicas típicas de métodos específicos de ensino, deixando de lado o conhecimento de natureza teórica no que diz respeito à linguagem, principalmente aquela em uso na sala de aula. Para Moita Lopes (1996), isso quer dizer que tais professores são treinados a partir de certos modismos sobre como ensinar línguas, ou seja, recebem uma formação pautada em dogmas.

Ainda compartilhando a concepção de Moita Lopes (1996), pode-se entender que esta visão dogmática da formação do professor de língua envolve treinamento de técnicas de ensino que deverão ser usadas pelo docente em sala de aula exatamente da forma como é indicada nos manuais de ensino ou por um professor formador, isto é, adotar um sistema pronto, definido. Só que, quando nos referimos a língua estrangeira, este conhecimento “pronto e acabado”, é desenvolvido por estudiosos, pesquisadores de grandes centros internacionais⁹; dessa forma, ocorre, quase sempre, uma incompatibilidade entre os conteúdos que são estruturados na maioria dos materiais didáticos e a realidade do aprendiz.

Em contrapartida a essa concepção dogmática, o mesmo autor, defende uma formação teórico-crítica do professor de língua:

A formação teórico-crítica do professor de línguas envolve dois tipos de conhecimento: um conhecimento teórico sobre a natureza da linguagem em sala de aula e fora dela e um conhecimento sobre como atuar na produção de conhecimento sobre o uso da língua em sala de aula, isto é, sobre os processos de ensinar/aprender línguas. (Moita Lopes: 1996)

Além da formação teórico-crítica, acima citada, há outros conhecimentos que também são de alta relevância nesse processo de formação docente, primeiro: o conhecimento sobre a

⁹ Os grandes centros internacionais, aqui referidos, são os órgãos que se dedicam a estudar a Linguística Aplicada (LA), principalmente no campo das línguas estrangeiras (LE).

natureza da linguagem, conhecimento sistêmico e esquemático; conhecimentos na produção de conhecimento, isto é, libertar o professor de métodos desenvolvidos por pesquisadores de fora sala de aula¹⁰. Para isso, é preciso que o professor ainda em formação reflita criticamente sobre seu próprio trabalho.

Mesmo admitindo que o professor necessite ter uma formação adequada para desenvolver suas atividades docentes, atuando criticamente perante seus conhecimentos, sabe-se que a realidade nas instituições de ensino superior formadoras de professores, no Brasil, ainda deixa muito a desejar. Essa defasagem que perpassa nesses cursos de licenciatura parte desde a linha ideológica, que não vê a língua como sistema comunicativo e avança até mecanismos estruturais de funcionamento (estrutura, carga horária).

Assim, é notável que, o processo de formação que os professores, em especial os língua, recebem não lhe possibilita fazer escolhas sobre o quê, como e o porquê ensinar. Mesmo por que esse problema quando a formação do professor de língua surge desde a base, formação básica, e perpassa principalmente pela graduação.

1.4 - TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA

Nesta abordagem sobre transposição didática, será levada em consideração a capacidade do professor em transformar os conhecimentos científicos¹¹, muitas vezes inacessíveis ao aprendiz, em conhecimentos do cotidiano. Por se tratar do ensino de língua, a transposição didática torna-se ainda mais imprescindível, uma vez que a acessibilidade aos

¹⁰ A expressão “fora de sala de aula”, trata-se da referência a pesquisadores que não conhecem a verdadeira prática de sala de aula, porém desenvolvem teorias aparentemente interessantes, mas, muitas vezes incoerente à situação a qual é remetida.

¹¹ Nesse contexto, o conhecimento científico pode ser entendido como o conhecimento racional, sistemático, exato e verificável da realidade. Sua origem está nos procedimentos de verificação baseado na metodologia científica.

conteúdos trabalhados, em um ambiente escolar, depende de uma boa adequação entre conhecimento técnico e capacidade docente em repassar esses conhecimentos.

Quanto às perspectivas desta pesquisa, que busca verificar as atividades desempenhadas por professores em sala de aula, assim como o interesse dos alunos, faz-se necessário, neste trabalho, levar em consideração a dinâmica pedagógica atuante nesse âmbito escolar. Portanto, em busca de uma nova didática pedagógica que esteja inserida e/ou que se aproxime do contexto social para o desenvolvimento de um trabalho direcionado a prática interativa, é importante saber que a didática adequada para atingir esse objetivo não se limita ao conhecimento de regras complexas de serem adotadas.

Numa visão pedagógica, a didática visa investigar os procedimentos, condições e modos de realização da instrução e do ensino. Cabe a ela converter objetivos sócio-políticos e pedagógicos em objetivos de ensino, selecionar conteúdos e métodos em função desses objetivos além de estabelecer os vínculos entre ensino e aprendizagem, tendo em vista o desenvolvimento das capacidades mentais dos alunos. Dessa forma, torna-se necessário compreender e apreender as práticas pedagógicas que são vivenciadas no processo de ensino, tendo em vista métodos que envolvam a teoria e a prática, isto é, que transponha tanto o saber científico como o saber escolar. Essa prática que promove a transmissão de conteúdos extraídos do saber científico sob forma de um novo saber justifica a existência da transposição didática. Conforme Chevallard,

(...) a transposição didática é entendida como um processo, no qual, um conteúdo do saber que foi designado como saber a ensinar sofre a partir daí um conjunto de transformações adaptadas que vai torná-lo apto para ocupar um lugar entre os objetos de ensino. (Chevallard: 1991, p.31)

Em uma forma prática, transpor dados científicos em dados acessíveis aos aprendizes requer, do professor, um conjunto de habilidades e competências, pois essa acessibilidade

dependerá, também, da contextualização à realidade – tanto do sistema de ensino da escola¹², quanto das características e possibilidades regionais.

É reconhecível que muitas vezes a atividade docente exige do profissional este comportamento, adequar dados, mesmo que essa competência esteja implícita no cotidiano da sala de aula. E é representada quando:

- O conteúdo é selecionado atendendo os objetivos considerados importantes pelo professor para atingir as metas e propostas da escola.
- Os assuntos são divididos e esquematizados para facilitar a compreensão em sala de aula.
- Pontos ou temas são enfatizados, reforçados ou diminuídos, obedecendo a critérios de relevância.
- Usa recursos (textos, gráficos, mídias, etc.) para tornar acessíveis os conteúdos.

Claro que não se espera que o professor adquira essa habilidade apenas de forma empírica¹³ e, sim, busque conhecimento, pesquise, e aplique em sala de aula perspectivas que vise facilitar e viabilizar tanto as formas de ensino quanto as formas de aprendizado.

Nesse contexto, a transposição didática pode ser entendida como “um conjunto de ações transformadoras” que viabilizam o conhecimento científico em ser ensinável. Como defende Chevallard (1991), *Para se tornar saber a ensinar, é necessário que o saber sábio sofra uma espécie de degradação*. Com isso, percebe-se que esse processo transformador exige que se tenha um ponto de partida, “saber de referência”, para que se possa adequá-lo uma realidade.

¹² O sistema de ensino dentro da instituição é garantido pelo Projeto Político Pedagógico (PPI), o qual define as ações educativas necessárias às escolas para que as mesmas cumpram suas metas.

¹³ Empirismo é concebido nesse contexto como conhecimento que adquirimos no decorrer do dia-dia, feito por meio de tentativas e erros num agrupamento de ideias. É caracterizado pelo senso comum, pela forma espontânea e direta de entendermos.

2 – METODOLOGIA

Tendo em vista o conhecimento das práticas atuais de ensino de Língua Inglesa nas escolas de nível fundamental da rede pública, este trabalho propõe-se adotar uma pesquisa qualitativa de natureza etnográfica em um estudo de caso. Pois, percebendo o caráter heterogêneo da linguagem tanto na sua forma de ensino como de aprendizagem se faz necessário priorizar não apenas o produto, mas também todo o processo de desenvolvimento da pesquisa.

Por se tratar dessa perspectiva, constata-se que a inserção do pesquisador no *lócus* de pesquisa é imprescindível ao desenvolvimento do trabalho de coleta de dados. Além do que, essa abordagem, valoriza os sujeitos da pesquisa (professores e alunos) como participantes ativos e não como meros “fornecedores de dados”. Segundo Moita-Lopes,

(...) a abordagem etnográfica em sala de aula ocupa-se em descrever, narrativamente, o modus operandi das práticas de linguagem dos participantes sociais (professores e alunos) na sala de aula de língua.
(Moita-Lopes; 1996).

Com isso, o foco inicial deste trabalho é diagnosticar, conhecer e descrever a realidade, a forma como a língua estrangeira (inglesa) está sendo trabalhada na sala de aula de uma determinada escola. Além dessa abordagem qualitativa, serão valorizados, também, os dados quantitativos, pois esse método pode contribuir bastante à materialização dos dados.

Partindo desses enfoques, qualitativo e quantitativo, os quais contribuem e consolidam o resultado da pesquisa, este trabalho se voltará para um estudo de caso, isto é,

tratará especificamente do processo de ensino e de aprendizagem de língua inglesa na escola estadual Everaldo da Silva Vasconcelos Júnior. Dessa forma, este estudo visa mapear

esses processos de modo satisfatório e esclarecedor, contribuindo ao crescimento e consolidação da língua inglesa no âmbito educacional público.

2.1 - BASE ETNOGRÁFICA

Em um contexto de sala de aula, as pesquisas com características etnográficas começaram a fazer parte desse ambiente por volta dos anos 70. Essa inserção se deu a partir da iniciativa de conhecer, analisar e compreender o cotidiano escolar. Até esse período, década de 70, as pesquisas em sala de aula utilizavam basicamente esquemas de observação com objetivos apenas de registrar comportamentos de professores e alunos em momentos de interação, tendo como fundamento os princípios da psicologia comportamental.

A partir de uma concepção etimológica, etnografia significa *descrição cultural*. Esse método de pesquisa foi desenvolvido por antropólogos para estudar a cultura e a sociedade. Para esses estudiosos, a etnografia apresenta dois sentidos fundamentais: técnicas para coleta de dados sobre valores, hábitos, crenças, comportamentos de um grupo social; relato escrito como resultado dessas técnicas de pesquisas.

Nessa concepção antropológica, os etnógrafos focalizam a descrição cultural de um grupo social. Já no ambiente de sala de aula esse tipo de pesquisa não é adotado em sua essência, uma vez que o estudioso em educação busca desenvolver estudo de campo de forma aproximada as perspectivas etnográficas, isto é, um estudo mais direcionado, mais específico, mesmo em se tratando de seres plurais. Nessa concepção, pode-se ressaltar que “(...) o que se tem feito, pois é uma adaptação da etnografia à educação, construindo-se assim um estudo de cunho etnográfico e não a etnografia em seu sentido estrito” (André: 1995, ?).

De acordo com essa idéia, a pesquisa de etnográfica pode ser aplicada, com êxito, no contexto escolar, mesmo sendo adaptada às realidades que perpassam nesses ambientes. Para

isso, alguns procedimentos podem ser utilizados em sincronia, tipo: observação, entrevista, análise documental, questionários, diários de bordo.

Principalmente em sala de aula, a vertente etnográfica trata o pesquisador como principal instrumento de coleta e análise dos dados¹⁴, adotando características próprias, tais como: interação constante entre pesquisador e sujeitos da pesquisa; ênfase no processo, isto é, naquilo que está ocorrendo, e não apenas no produto ou nos resultados finais; preocupação com o significado, com o modo individual que cada um vê a si mesmo, além das experiências e o mundo que os cerca; envolve um trabalho de campo, aproxima o pesquisador de pessoas, situações, locais, eventos, mantendo com ele um contato direto e prolongado. Nesse sentido, é importante ressaltar que:

(...) duas características importantes na pesquisa etnográfica são a descrição e indução; o pesquisador faz uso de uma grande quantidade de dados descritivos: situações, pessoas, ambientes, depoimentos, dialogo, que são por ele reconstruídos em forma de palavras ou transcrições literais. (André: 1995)

Ainda nessa concepção de base etnográfica, percebe-se que o pesquisador desempenha uma função altamente importante. Segundo André (1995) “ele o instrumento principal da coleta e análise dos dados”. Ainda de acordo com essa autora, a pesquisa de cunho etnográfico, pode variar muito quando se trata do tempo do pesquisador *in lócus*, podendo ocorrer em algumas semanas, em alguns meses ou até mesmo em alguns anos. Isso dependerá principalmente dos objetivos do trabalho, a disponibilidade de tempo do pesquisador, da sua aceitação e cordialidade com o grupo pesquisado e conseqüentemente das proporções da pesquisa desenvolvida.

¹⁴ Para a autora o pesquisador, por ser um ser humano, se põe em uma posição bem diferente de outros tipos de instrumentos, pois permite que responda ativamente às circunstâncias que o cercam, modificando técnicas de coletas de dados, se necessário, revendo questões que orientam a pesquisa, localizando novos sujeitos, revendo toda a metodologia ainda durante o desenrolar do trabalho.

2.2 - ESTUDO DE CASO

Adotado, em sua maioria, em situações em que a pesquisa visa um aprofundamento no fenômeno observado, o estudo de caso pode ser aplicado a diversas áreas do conhecimento, permitindo ao pesquisador concentrar-se em um aspecto ou situação específica para diagnóstico, identificação dos processos que interagem no meio estudado. Mesmo sendo contextualizado em uma vertente qualitativa – quantitativa de cunho etnográfico, nesse estudo predomina o estudo de caso com perspectivas etnográficas¹⁵, uma vez que se direciona a uma única instituição, visualizando apenas um ícone (sala de aula de língua) em meio à realidade desse ambiente.

Para Stake (1985; *apud* André: 1995) a decisão de desenvolver um estudo de caso etnográfico é mais epistemológica do que metodológica. Pois, ainda segundo esse autor, se o pesquisador quiser investigar a relação formal entre variáveis, apresentar generalizações ou testar teorias, não deve optar por essa estratégia de pesquisa. Porém, se o objetivo é entender um caso particular, levando em conta o contexto e complexidade dos envolvidos, o estudo de caso se adequará perfeitamente.

De acordo com Yin, (1988; *apud*: André: 1995) essa metodologia¹⁶ deve ser priorizada sob três aspectos, primeiro: quando os questionamentos forem do tipo “como” e “por que”; segundo, se o pesquisador tiver pouco controle sobre o que acontece ou pode acontecer; e, por último, quando o interesse principal da pesquisa for um algo que esteja acontecendo em uma situação de realidade.

¹⁵ A concepção de estudo de caso com perspectivas etnográficas aqui adotadas, parte da idéia de Marli André (1995), a qual chama de estudo de caso etnográfico essa investigação sistemática realizadas no cotidiano escolar.

¹⁶ A referência de metodologia aqui concebida é de estudo de caso etnográfico, mesmo que em alguns momentos tenha sido usado o termo perspectiva de pesquisa e não método.

Esse método exige do pesquisador uma elevada sensibilidade e profundidade nos detalhes coletados, pois isso lhe possibilitará uma visão contextual rica e específica tanto dos sujeitos quanto do fenômeno observado.

No contexto da investigação de campo, isto é, de caráter etnográfico, esse método de pesquisa se destaca por colher informações, dados com características especialmente descritivas, que é o foco desse estudo, fazendo com que o pesquisador alcance seu objetivo.

O estudo de caso pode ser caracterizado como um estudo de uma entidade bem definida, como um programa, uma instituição, um sistema educativo, uma pessoa ou uma unidade social. Visa conhecer o seu “como” e os seus “porquês”, evidenciando a sua unidade e identidade própria. É uma investigação que se assume como particularística, debruçando-se sobre uma situação específica, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico. (Vilabol)

É importante ressaltar que, nesse tipo de pesquisa, o investigador deve procurar intervir o mínimo possível, mesmo sabendo que a relação direta com os sujeitos pode propiciar certa influência no que diz respeito a comportamentos, atitudes. Porém, tais pontos devem ser minimizados através de instrumentos e estratégias do pesquisador. Como afirma o autor, a seguir:

O estudo de caso é um método específico de pesquisa de campo, a qual parte de investigações de fenômenos à medida que ocorrem, sem qualquer interferência significativa do pesquisador. Seu principal objetivo é compreender o evento em estudo e ao mesmo tempo desenvolver teorias mais genéricas a respeito dos aspectos característicos do fenômeno observado. (Fidel, 1992)

Diante dessas concepções, percebe-se a especificidade desse método de pesquisa, que para Hartley (1994) não se trata de um método em suas características propriamente ditas, e sim uma estratégia de pesquisa. Mas o mesmo autor admite que

(...) consiste em um processo de investigação detalhado de uma instituição, com vista a prover uma análise do contexto e dos processos envolvidos no fenômeno de forma não isolada, já que o objetivo do pesquisador é justamente essa relação entre o fenômeno e seu contexto. (Hartley, 1994).

Assim, esse método deixa claro que pode ser utilizado com sucesso quando se trata de um estudo específico em meio heterogêneo, deixando de lado experimentos e manipulações, valorizando a interpretabilidade, perícia e sensibilidade do pesquisador. Para que isso seja concretizado com êxito, segundo Bell (1989), nenhum método deve ser descartado, seja observação, entrevistas, diário de bordo, questionários, desde que cada um esteja interligado com as tarefas a serem cumpridas e possibilitem colher as informações focalizadas.

2.3 - SUJEITOS DA PESQUISA

Esse estudo parte de uma abordagem qualitativa de pesquisa; isso remete o pesquisador a adotar uma atenção, uma sensibilidade ainda maior quando se diz respeito aos participantes, isto é, aos sujeitos da pesquisa. Dessa forma, todos os envolvidos são tratados como participantes ativos, tendo influência direta na qualidade e veracidade dos dados.

Este trabalho tem como área de concentração o setor público estadual de ensino, mais especificamente a escola de nível fundamental e médio Everaldo da Silva Vasconcelos Júnior, localizada na Rua Emilio Garrastazu Médici, s/n, bairro Paraíso, município de Santana Amapá. Essa escola é uma das várias escolas regionais que compõem o ensino fundamental e médio, escola pública inaugurada no dia 22 de dezembro de 1993, através do Decreto-Lei nº. 2232193 - GEA e da Resolução 0612006 – CEE de 20 de março de 1969.

A área de língua inglesa é formada por um corpo docente de três professores (Inglês), atendendo a cerca de 160 alunos de oitava série, em três turnos: matutino, das 07h30min às

12h: 00 min; o vespertino das 13h: 30 min às 17h: 50 min e o noturno iniciando às 18h: 20 min até 22h: 30 min.

Por se direcionar na vertente da linguística aplicada, voltada ao âmbito da língua inglesa em situações de sala de aula, ou seja, as práticas de ensino, o trabalho em questão engloba, especificamente, os docentes atuantes na área de língua inglesa, representados na referida escola por três professores. Sendo um no horário matutino, um no vespertino e um no período noturno. No que diz respeito a esses profissionais, apenas dois foram selecionados como sujeitos da pesquisa, uma vez que o que atua no turno da noite não ministra aula de língua inglesa em turmas de oitava série, foco desse estudo.

Quanto ao público alvo, “alunos”, é importante ratificar que apenas as oitavas séries serão as colaboradoras. Nessas turmas estão regularmente matriculados cento sessenta alunos, formando quatro turmas. A seleção, nessa faixa etária, deu-se a partir de critérios básicos, porém significativos no decorrer do processo de formação dos alunos, isto é, este momento em que o estudante está saindo do ensino fundamental e ingressando no ensino médio representa uma mudança brusca em seus conceitos e conhecimentos. Dessa forma, esse é um momento propício para detectar suas expectativas, principalmente em se tratando de língua inglesa, que por muitos é reconhecida como difícil.

Dentre os professores de língua inglesa atuantes na escola e alunos regularmente matriculados na oitava série nos turnos manhã e tarde, também foi ouvido um representante técnico da escola, visando à confirmação de dados quantitativos a respeito da instituição.

2.4 - COLETA DE DADOS

Sem pesquisa não há ciência, muito menos tecnologia, como afirma Bagno (1998). Porém, essa realidade pouco se presencia no meio educacional do Brasil, mesmo sabendo-se que o conhecimento é contínuo e necessita ser acompanhado para que ele esteja sempre em consonância com a realidade.

Por não fazer parte, ainda, do cotidiano de nossas escolas, o pesquisador, ao se inserir nesse ambiente, ainda enfrenta algumas dificuldades para desenvolver seus trabalhos, uma vez que, a escola (corpo técnico, professores e alunos), o vê como personagem *justiceiro* e sente-se alvo de críticas e comentários que “venham a acontecer” extra escola. Sabe-se que essa concepção é ultrapassada e infundada, pois o pesquisador mediante os princípios éticos da posição que ocupa, deve direcionar suas informações apenas para fins científicos.

Esse processo de coleta de dados, que ocorreu no período de dois de Outubro à de três de Novembro de 2009. Todos os momentos aconteceram dentro da normalidade, isto é, alguns empecilhos que nos leva a refletir, mas em essência foi considerado satisfatório, posto que, a relação de cordialidade com os sujeitos da pesquisa, objetividade da pesquisa, assim como o método utilizado pouco interferiu na rotina dos alunos e professores em sala de aula. Ou seja, foi desenvolvido em dois momentos distintos: primeiro, através de observação – *in lócus* – e em seguida com a aplicação de questionários.

A observação teve início a partir de um acompanhamento, para sondagem, dos sujeitos (professores e alunos) no ambiente escolar. A partir desse momento, foi lançado um olhar amplo focalizando as práticas de ensino dos professores, assim como a receptividade dos estudantes, concomitantemente. Com isso, foram levados em consideração todos os acontecimentos relevantes ao estudo e, conseqüentemente, transcritos em anotações.

Durante a observação são registrados dados visíveis e de interesse da pesquisa. As anotações podem ser feitas por meio de registro cursivo (contínuo), uso de palavras-chaves, check list e códigos, que são transcritos posteriormente (DANNA; MATOS, 2006).

Após esse processo com os envolvidos na pesquisa solicitou-se conhecer o conteúdo programático (plano de disciplina) adotado pela escola/professor, assim como o material didático (livros, revistas, etc.) utilizado no cotidiano. Também, buscou-se conhecer o material didático usado pelos alunos.

Na etapa seguinte, foram aplicados questionários, pois esse método visa confirmar, de forma concreta, os dados até então conhecidos. O uso do questionário é consideravelmente eficaz quando o pesquisador pretende recolher informação sobre um determinado tema. Deste modo, através de sua aplicação a um público-alvo constituído, por exemplo, de alunos, é possível obter informações que permitam conhecer melhor as suas lacunas, principalmente no ambiente de sala de aula. Nesse contexto, o questionário proporciona também uma facilidade para se interrogar um elevado número de pessoas, num espaço de tempo relativamente curto. A utilização de questionários como instrumento de coleta permite recolher amostra dos conhecimentos, atitudes, interesses e comportamentos. Assim, é importante ter em conta o que se quer e como se vai analisar, devendo haver critérios na seleção do tipo de questionário a aplicar de modo a aumentar a credibilidade do mesmo.

Existem três tipos de questionários: questionário aberto, fechado e misto. O questionário do tipo aberto é aquele que utiliza questões de resposta subjetiva, isto é, dá ao sujeito uma maior liberdade de resposta. O questionário do tipo fechado tem na sua construção questões de resposta objetiva. Este tipo de questionário é bastante direto e facilita o tratamento e análise da informação. O outro tipo de questionário que pode ser aplicado em coleta de dados é o questionário misto, que tal como o nome indica são questionários que apresentam questões tanto aberta quanto fechada. Nesse trabalho, fez-se uso do questionário

misto, pois, buscou-se atingir os objetivos de forma mais completa possível, aprofundando-se de modo seguro nas informações prestadas pelos sujeitos (colaboradores) da pesquisa.

3 - ANÁLISES DOS DADOS

Este capítulo visa apresentar o resultado, assim como a interpretação, dos dados que estruturam este trabalho. Os resultados até então obtidos foram disponibilizados através de dois métodos principais, primeiro: observação, *in lócus*; segundo: questionários específicos para professores e alunos.

Nesse processo de análise e interpretação dos dados, será exposto, a partir da observação, um dos momentos mais relevantes desse trabalho, pois esse momento possibilitou visualizar a realidade, a prática, a relação de ensino aprendizagem que concretizam as aulas de língua estrangeira (inglês) na escola estadual Everaldo da Silva Vasconcelos Júnior.

Conseqüentemente, essa análise partirá para os questionários aplicados nas turmas. Note que esses questionários foram direcionados a dois públicos distintos, porém altamente importantes no ambiente escolar, professores e alunos. Dessa forma, também serão catalogados e analisados separadamente. Essa separação se dá em virtude dos objetivos de cada questionário, uma vez que as questões direcionadas aos professores focalizam sua formação, perfil e principalmente suas práticas de ensino em sala de aula, assim como a relevância e perspectivas da língua inglesa na formação do cidadão. Já os questionários direcionados aos alunos visam detectar o interesse e sua relação com o idioma mundialmente relevante¹⁷, porém ainda novo nessa faixa etária de escolaridade.

Assim, este tópico é concluído através das reflexões feitas a respeito dos dados coletados. Nesse tópico perpassará análises, diagnósticos e resultados do que foi detectado.

¹⁷ Esse idioma tido como “mundialmente relevante”, trata-se do Inglês, em virtude de sua importância no processo atual de globalização.

Com isso, demonstrarão, de forma concreta e enfática, de acordo com a realidade, as hipóteses levantadas durante a construção e desenvolvimento desse trabalho de pesquisa.

3.1 - OBSERVAÇÃO

Durante o processo de atuação em sala aula foram desenvolvidas observações em 04 (quatro) turmas do oitavo ano do ensino fundamental, sendo que, em cada turma foi acompanhada uma hora-aula, respectivamente. As aulas aqui referidas transcorreram em um espaço de 50 cinquenta minutos cada. Embora em turmas diferentes, as aulas de língua inglesa nas oitavas séries, tanto no turno matutino, quanto vespertino, acontecem sempre nos primeiros horários do turno, sempre dois tempos consecutivos. Esses dois primeiros horários no turno da manhã ocorrem das 07h: 30 min as 09h: 10 min e no turno da tarde, dá-se das 13h: 30 min às 15h: 10 min.

Tendo como foco as turmas em questão, em sua totalidade, percebeu-se uma equivalência, em se tratando da faixa etária de idade, pois, de acordo com o corpo técnico da escola, é “feita uma triagem” para que haja um equilíbrio em cada sala formada. Com isso, a idade dos alunos, em média, transita em torno dos catorze anos.

Não foi tarefa simples desenvolver a tarefa de observação *in lócus* sem interferir (ou pelo menos interferir o mínimo possível) na rotina dos alunos e professores. Nesse contexto, foi possível detectar um comportamento um tanto quanto anormal dos envolvidos, uma vez que, grande parte dos sujeitos da pesquisa se surpreendeu com a presença do pesquisador em sala, mesmo sendo apresentado e conseqüentemente explicada sua presença e objetivos. Essa situação, “nova”, refletiu-se tanto nos docentes, os quais, nitidamente, procuraram dá o máximo, aulas mais dinâmicas e interativas. Isso foi detectado através de inferências em falas de alunos, tipo: “*professor (a)!*”! *sua aula tá tão bacana hoje...*” , “*(...) queria que a aula*

fosse todo dia assim...”¹⁸; quanto nos alunos, pois, foi possível perceber alguns tentando chamar a atenção com atitudes um tanto quanto incoerentes com o ambiente de sala de aula. Mesmo com essas anormalidades no âmbito da sala de aula pesquisada, o trabalho não foi afetado de maneira brusca. Para isso, foram tomadas precauções para que essas anormalidades permanecessem apenas superficialmente.

No que diz respeito ao interesse dos alunos pela língua inglesa, foi possível contatar, principalmente nas três turmas do turno vespertino, uma maior dedicação e atenção às aulas e conteúdos ministrados. Indicadores (práticas de ensino, domínio de sala e conteúdo) possibilitam contatar a influência do professor (a) se fez decisiva, tanto para o bom desenvolvimento da aula, se si, como para o interesse, e porque do sucesso do aprendiz na aquisição da língua estrangeira (inglês). Mediante a isso, é importante ressaltar que essa turma do turno matutino (única), a qual apresenta comportamento incompatível com a normalidade, procede dessa forma com a maioria dos docentes (informação coletada junto ao corpo técnico da escola). O que leva a refletir e admitir que particularidades, além língua inglesa, perpassam naquele ambiente.

Quanto às práticas de ensino desenvolvidas em sala de aula pelos docentes envolvidos na pesquisa (dois), é pertinente ressaltar certa discrepância entre os dois profissionais que atuam na escola pesquisada. O professor A¹⁹, apesar do notório esforço, nitidamente proporcionado pela presença do pesquisador, retrata, bem, a limitada concepção a respeito do ensino – aprendizagem de língua estrangeira em sala de aula de escolas públicas. Já o professor B, levando em consideração sua atuação em sala, pode-se constatar que suas metodologias aproximam-se daquilo que é abordado nos PCNs:

¹⁸ Essas expressões em destaque representam as transcrições das falas de alguns alunos, em sala de aula, no momento da observação. Falas essas direcionadas ao professor (a) de inglês.

¹⁹ Foi usada uma representação fictícia para os nomes dos professores (A e B) envolvidos na pesquisa, uma vez que não houve autorização para uso dos nomes verdadeiros.

Ao professor cabe criar situações de aprendizagem que dinamizem a interação e, conseqüentemente, a aprendizagem, uma vez que na interação e através dela, o aluno constrói, modifica, interpreta e enriquece significados.
(MEC: 1998)

3.2 QUESTIONARIO DO PROFESSOR

Além de observações (como exposto acima), também foi direcionado ao professor um questionário específico. Nesse questionário com 08 (oito) questões, buscou-se concretizar e, conseqüentemente, aprofundar os dados até então obtidos na primeira parte da pesquisa. (ver questionário nos anexos)

Os professores indicados para colaborar com essa pesquisa foram todos os que ministram língua inglesa na escola em foco. Foi constatado que, em toda a escola, existem três (03) professores dessa área. Mas, por motivos metodológicos, apenas dois (02) puderam ser colaboradores, o que atua pela manhã e o que atua à tarde. Isso se deu pelo fato de que o professor que ministra aula à noite não tem turmas de oitava série, foco do estudo de caso em questão.

Para construção do perfil do professor atuante na escola estadual Everaldo da Silva Vasconcelos Junior, algumas perguntas foram aplicadas (*os dados, de forma detalhada, estão disponíveis nos gráficos abaixo*), começando pela formação. Nesse caso, ambos possuem graduação em Letras; porém, um deles cursou em instituição pública e o outro, em instituição particular. Ainda sobre formação, ficou constatado que apenas um deles tem habilitação em língua inglesa, enquanto o outro teve acesso a esse idioma através de cursos livres. Outro ponto abordado foi à experiência como professor de inglês em sala de aula em escola pública e ambos responderam ter mais de 02 (dois) anos ininterruptos. E, diante dessa posição, foram perguntados como avaliariam suas aulas; os dois chegaram à conclusão que são boas, isto é, segundo eles, atendem às necessidades pedagógicas da escola.

Quanto à importância da língua inglesa, foram indagados sobre o que essa língua representa à formação do aluno; e mais uma vez as respostas coincidiram, pois ambas definiram como importante. Outro ponto questionado que merece destaque é o material didático. Perguntados como são obtidos e/ou construídos, enfaticamente responderam que exclusivamente sob a responsabilidade do professor.

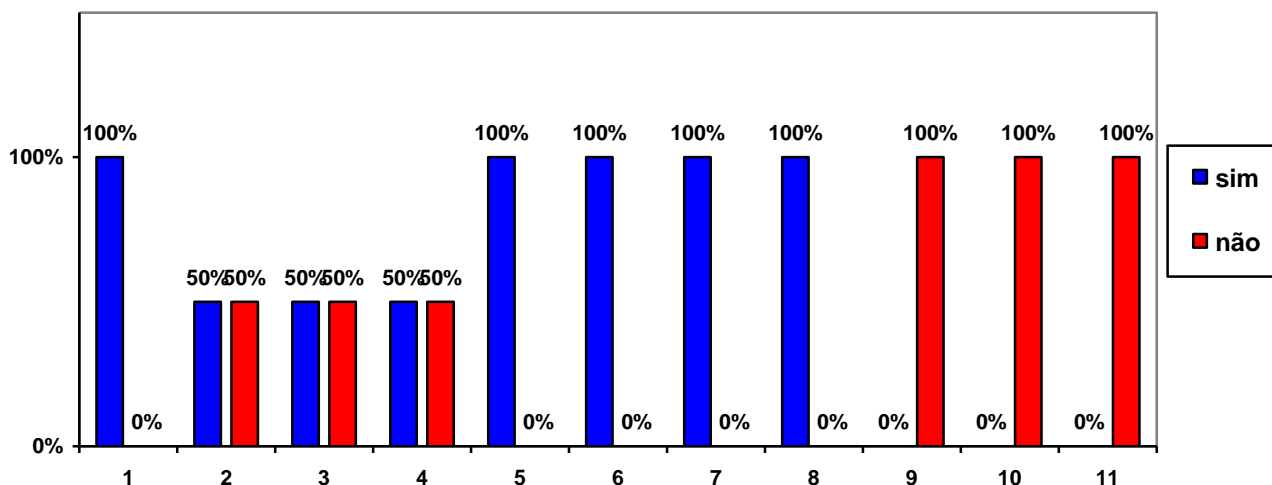
Perguntados a respeito da realidade do professor de inglês (língua estrangeira) em sala de aula, os professores ressaltaram que há uma deficiência, em se tratando de estrutura, considerada fraca/ruim. Mesmo assim, com pouca estrutura, grande parte dos alunos demonstra-se interessada em aprender o inglês em sala de aula.

Ara finalizar, foram perguntados quais as vantagens e/ou desvantagens dessa língua na 8ª série do ensino fundamental; em se tratando das vantagens, ambos responderam que o acesso a uma segunda língua é algo relevante na formação nessa faixa etária. Já quanto as principais desvantagens, (01) um abordou a questão estrutural (salas lotadas, quentes, etc.) enquanto o outro enfatizou a falta de livro didático. Como podemos perceber abaixo:

A vantagem do ensino de língua inglesa no ensino fundamental é importante pelo acesso a um novo idioma, a desvantagem é que o aluno não ganha livros como nas demais disciplinas, o que facilitaria bastante o trabalho do professor. (resposta de um professor de inglês da escola pesquisada)

***OBSERVAÇÃO:** Os gráficos abaixo (I – II – III e IV) apresentam de forma ilustrativa os números da pesquisa. Em virtude disso as perguntas da pesquisa foram adaptadas para satisfazer os métodos quantitativos. As modificações ocorridas estão baseadas nas respostas dos questionários aplicados. Os quais foram alterados apenas nas estruturas e não no conteúdo que proporcionaram o resultado.

GRÁFICO I



*Perguntas adaptadas para o gráfico I (ver originais no Anexo I)

- 1) *Possui nível superior completo?*
- 2) *Concluiu (se concluiu) o curso em Instituição pública?*
- 3) *Tem formação específica em Letras com habilitação em Língua Inglesa?*
- 4) *Frequêntou cursos livres de Inglês?*
- 5) *Ministra aula de Língua Inglesa no setor público a mais de um ano?*
- 6) *Considera sua prática de ensino em sala de aula satisfatória?*
- 7) *Considera a língua inglesa importante na formação do aluno?*
- 8) *A escolha do material didático usado em sala e feito pelo professor?*
- 9) *Quanto à estrutura física da escola, considera boa?*
- 10) *Os alunos demonstram interesse nas aulas de inglês?*
- 11) *Utiliza material didático em sala?*

3.3 - QUESTIONÁRIO DO ALUNO

O uso do questionário em pesquisas é um método ágil e preciso para a coleta de dados. Principalmente quando se tem como foco a descrição de uma realidade. Este trabalho foi desenvolvido nas turmas do oitavo ano do ensino fundamental da escola Estadual Everaldo da Silva Vasconcelos Junior. De acordo com proposta metodológica, foram pesquisadas quatro turmas, sendo que uma no turno matutino e três no turno vespertino. Nessas quatro turmas, cerca de 127 (cento e vinte sete) alunos responderam aos questionários.

A partir de perguntas, em sua maioria, objetivas, esse trabalho começou sua investigação tratando de receptividade dos alunos em relação à disciplina língua inglesa. Nesse ponto, foi possível constatar que a maioria, aproximadamente 85%, dos alunos pesquisados respondeu que *sim*, que possuem uma determinada afinidade com esse idioma.

Com relação à importância dessa disciplina para os conhecimentos dos alunos pesquisados, percebe-se quase uma unanimidade, ao responderem positivamente, isso demonstra que o interesse pode ser justificado pela relevância do idioma na sociedade atual.

Já quando indagados a respeito da utilidade dos conteúdos aprendidos no cotidiano, mais de 20% (vinte) confirmou que não utiliza no dia-dia. Com isso, pode-se inferir, em consonância com PCNs (1998), que ainda há descontextualização nos conteúdos trabalhados em sala de aula.

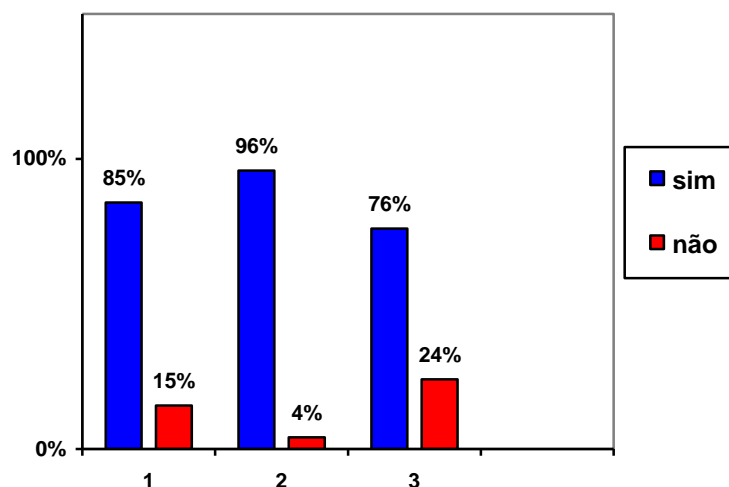
*Perguntas adaptadas para o gráfico II (ver originais no Anexo II)

GRÁFICO II

1 - *Você gosta da disciplina Inglês?*

2 - *Você acha que essa disciplina (inglês) é importante para seus conhecimentos?*

3 - *Os conhecimentos em inglês que aprende na escola são úteis no seu dia -a- dia?*



A respeito do desenvolvimento das aulas de inglês, procurou-se saber se eram dinâmicas, normais ou pouco interessantes. Nesse ponto, houve um equilíbrio, isto é, uma parcialidade, pois, aproximadamente 50% (cinquenta) concordam que são normais, enquanto que quase a mesma porcentagem acredita que as aulas são dinâmicas e apenas uma minoria afirma que são pouco interessantes.

Em seguida, o foco foi o material didático. Nesse contexto, mais de 90% (noventa) dos pesquisados constatou que o caderno é o único material utilizado em sala de aula. Essa porcentagem está diretamente relacionada a uma das questões que solicitou uma possível proposta de mudança nas aulas de língua inglesa, e a maioria dos alunos (ver gráfico III) indicou a presença de livro didático, pois, a língua inglesa é a única disciplina sem material de ‘doação’ da escola. Para essa maioria, seria de suficientemente importância para a aprendizagem, como se pode perceber nas respostas de dois alunos:

“Gostaria que o governo incentivassem mais as escolas publicas e dando mais material didático para as línguas estrangeiras.” (resposta de um aluno).

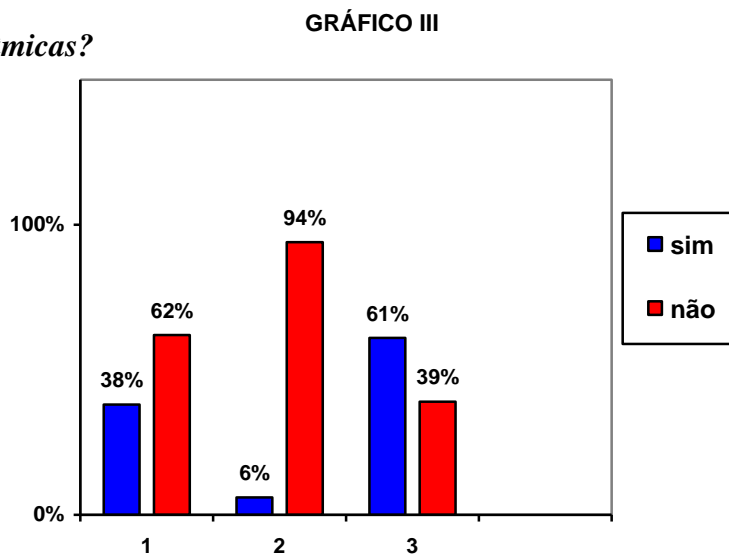
“Ter livro didático nas aulas, cd, apostilas, porque para conseguir tudo isso é uma dificuldade na escola”. (resposta de um aluno).

*Perguntas adaptadas para o gráfico III (ver originais no Anexo II)

1 - *Você considera suas aulas de inglês dinâmicas?*

2 - *Você usa material didático na escola?*

3) *Você acredita que o material didático é fundamental para o aprendizado de inglês?*



Em seguida, foram perguntados se têm acesso à língua inglesa no dia-a-dia. Essa questão confirma o que muitas pesquisas já detectaram, como as desenvolvidas por Moita Lopes (2006). Isto é, a maioria dos alunos só tem acesso à língua estrangeira, inglesa no ambiente de sala de aula. Em seguida, o tema perguntado foi a preferência quanto ao desenvolvimento da aula, assim como as dificuldades na disciplina. No que diz respeito à preferência, a maioria (ver gráfico IV abaixo) dos alunos opta pela oralidade. Isso se justifica, pois as principais dificuldades citadas foram a escrita e as estruturas gramaticais.

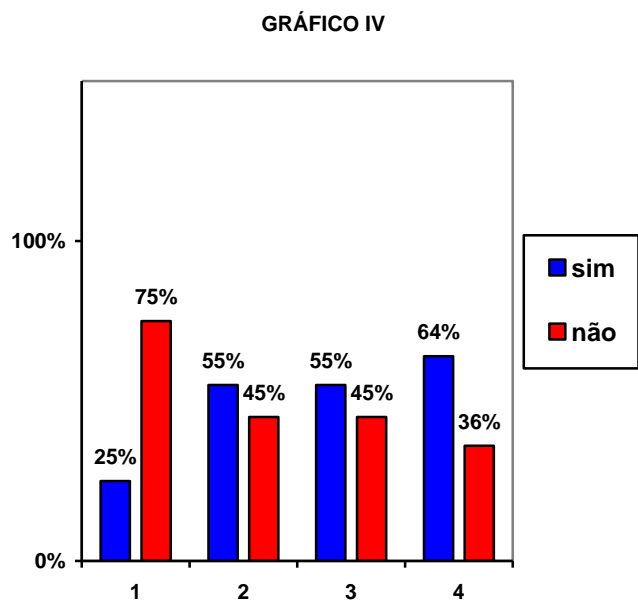
*Perguntas adaptadas para o gráfico IV (ver originais no Anexo II)

1- *Você tem acesso ao inglês no dia-a-dia além da sala de aula?*

2 - *Se você pudesse escolher a língua estrangeira para aprender, você escolheria o inglês?*

3 - *Em suas aulas de inglês você concorda com a prática da oralidade?*

4 - *Você tem dificuldade na escrita e gramática, nas aulas de inglês?*



3.4 - REFLEXÃO SOBRE OS DADOS COLETADOS

Os dois métodos de coleta de dados utilizados neste trabalho, observação *in lócus* e os questionários, foram aplicados e, conseqüentemente, obtidos dados bastante relevantes. Neste estudo de caso, com o objetivo de diagnosticar, conhecer a escola estadual Everaldo da Silva Vasconcelos Júnior no que diz respeito ao ensino aprendizagem de língua inglesa, nas oitavas do ensino fundamental, demonstra-se que muitas particularidades perpassam no ambiente escolar que permanecem aquém do conhecimento externo.

Através dos coletados, é possível inferir, primeiro, através da observação, que a realidade em sala de aula de nível fundamental é bem complexa, tanto em questões estruturais (salas pequenas, lotadas), quanto ao próprio comportamento dos alunos, pois, em quase sua totalidade, as salas que participaram da pesquisa apresentaram comportamento não adequado a uma sala de aula de língua. Ainda sobre a observação, foi possível perceber certo esforço dos professores em manter o controle do ambiente, porém, sinais aparentes de cansaço construíram uma imagem não muito animadora, mesmo que parcial, em virtude do período relativamente curto da pesquisa. Já através dos questionários, foi possível colher informações que, muitas vezes, permanecem ocultas aos olhos do pesquisador dentro da sala de aula, pois por meio desse método de coleta de dados, os sujeitos da pesquisa ficam mais a vontade para expor suas opiniões, facilitando a coleta de informações de um número maior de pessoas em um período relativamente curto.

Em suma, os dados possibilitaram conhecer tanto quantitativa como qualitativamente à realidade, a partir da interação professor/aluno, do cotidiano da referida escola nas aulas de língua inglesa. Isso é recompensador e, principalmente, relevante para o desenvolvimento de pesquisas na área da educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No âmbito dessa pesquisa, diversos pontos tornaram-se relevantes, além do foco principal, que se voltou às práticas de ensino em sala de aula de língua, assim como ao interesse dos alunos pela língua inglesa. Após a análise dos dados, é possível inferir que existem pontos que estão além do alcance de professores e alunos para o desenvolvimento de uma aula, teoricamente, ideal.

O que se percebe é uma luta incansável dos professores para ministrarem aulas de boa qualidade; isso foi constatado através de dados (*ver análise dos dados*) que revelaram verdadeiros “milagres” em sala de aula, uma vez que é necessária uma estrutura mínima para que o professor possa desenvolver suas atividades com êxito. Trabalhar com um número de aulas reduzido, com salas lotadas, sem material didático disponível aos alunos, torna as aulas de língua, especificamente de língua inglesa, pouco atraentes e menos ainda, produtivas.

Diante dessa realidade que se constatou na escola Everaldo da Silva Vasconcelos Júnior, resta-nos contar com a capacidade do professor. Como afirma Moita Lopes (2001), esse profissional precisa provocar a dinamicidade, interatividade e não insistir em métodos dogmáticos, como ainda se encontra no dia-a-dia das escolas públicas.

Nesse contexto, os dados demonstraram que existe um interesse dos alunos pela língua inglesa na escola pesquisada, que a maioria dos pesquisados só tem acesso a essa língua na escola e que, apesar de não terem material didático, as aulas são consideradas boas. Em se tratando da disciplina, a maior dificuldade perpassa pela escrita e pelas estruturas gramaticais, enquanto que a facilidade é justamente a oralidade.

Foi possível constatar que, embora o Amapá seja ‘vizinho’ do idioma Francês, a língua inglesa ainda é preferência na escola pesquisada. Mas o mais gratificante é confirmar que é quase unânime a crença de que o inglês aprendido na escola é importante na formação

do aluno e que os conhecimentos aprendidos são úteis no dia-a-dia dos pesquisados. Quanto às práticas, percebeu-se que, em linhas gerais, os professores têm proficiência e experiência para ministrar língua inglesa. Mesmo assim, ficou claro que eles, professores, sabem que precisam melhorar. Detectou-se, também, que inúmeros empecilhos ainda limitam a qualidade de suas aulas e que, mesmo sem recursos didáticos, conseguem despertar o interesse da maioria dos alunos.

Esse perfil, construído a partir de um estudo de caso, apresenta apenas o ensino de língua inglesa em uma escola pública estadual. Mesmo assim, permite conhecer uma realidade e mostrar, de forma científica, as perspectivas do inglês no nível fundamental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. *Etnografia da Prática Escolar*. Campinas, SP; Papyrus, 1995 (Série Práticas Pedagógicas).

BAGNO, Marcos. *Pesquisa na escola: o que e como se faz*: ed. Loyola. São Paulo: 1998.

BELL, Judith. *Doing your research project: a guide for the first-time researchers in education and social science*. 2ª reimpressão. Milton Keynes, England: Open University Press, 1989. 145p.

BRANDÃO, Zaia. *Pesquisa em Educação: conversas com Pós-graduandos*, Loyola; SP: 2002. (Série Ciências da Educação), 148p.

BRASIL, MEC. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Estrangeira / Ensino Fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BROWN, H. Douglas, *Teaching by principles: and interactive approach to language pedagogy*. 2nd ed. San Francisco: State University, 2001.

BRUNER, J.S. *Actual Mind, Possible Worlds*. Londres, Harvard U Press, 1986

DANNA, M. F., & Matos, M. A. (2006). *Aprendendo a observar*. São Paulo: Edicon (<http://www.ufpel.edu.br>)

DESHAIES, B. (1992); *Metodologia da investigação em ciências humanas*; Lisboa: Instituto Piaget (questionários-www.jcpaiva.net).

FIDEL, Raya (1992). The case study method: a case study, In: GLAZIER, Jack D. & POWELL, Ronald R. *Qualitative research in information management*. Englewood, CO: Libraries Unlimited, 238 p.

FREIRE, P. *Education for Critical Consciousness*. New York, The Seabury Press, 1974.

HARTLEY, Jean F. Case studies in organizational research. In: CASSELL, Catherine & SYMON, Gillian (Ed.). *Qualitative methods in organizational research: a practical guide*. London: Sage, 1994. 253p.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. Editora Pedagógica e Universitária LTDA.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. *Oficina de Lingüística Aplicada: A Natureza Social e Educacional dos processos de Ensino/Aprendizagem de Línguas*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1996.

_____. *Identidades Fragmentadas*. Campinas, Mercado das Letras, 2002.

_____ (org). *Por uma lingüística Aplicada indisciplinar*. Parábola, SP: 2006. (Coleção Linguagem).

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise do Discurso: Princípios e Procedimentos*. Campinas, SP; Fontes, 2002.

SCHUTZ, Richard. *O que é talento para línguas? English in Brazil*. Disponível on-line in: [http:// www.sk.com.br](http://www.sk.com.br).

TARDIFF, Maurice. *Saberes Profissionais dos Professores e Conhecimentos Universitários*: PUC – Rio, 1999.

VYGOTSKY, L.S. *Mind in society: The development of higher psychological processes*. Londres, Harvard U Press, 1978

SITES VISITADOS

<http://mariaalicehof5.vilabol.uol.com.br/>> Acesso em 29/06/2009.

<http://www.mec.gov.br/> / acessado em 21/07/2009

<http://www.fcde.ufba.br/> / acessado em 01/11/2009

<http://www.consulting.com.br/> / acessado em 06/11/2009

ANEXO I

Questionário do Professor

Quanto a sua formação:

1) Nível superior:

Concluído

Concluindo

Não possui

2) Instituição onde concluiu (ou está concluindo) o curso?

pública

privada

3) Tem formação específica em Letras com habilitação em Língua Inglesa?

sim

não

4) Seu acesso a Língua Inglesa, deu-se a partir de:

Instituição de ensino superior

especialização

curso livre

5) Quanto tempo ministra aula de Língua Inglesa no setor público

menos de um ano

entre um ano e dois anos

mais de dois anos

6) Como considera sua prática em sala de aula?

precisa melhorar

satisfatória – boa

excelente

7) Como caracteriza a importância da língua inglesa na formação do aluno?

desnecessária

importante

fundamenta

8) Quanto ao conteúdo programático (plano de disciplina) utilizado nas aulas

definido pela escola

em conjunto, professor/ corpo técnico.

definido apenas pelo professor

Sobre a realidade do professor (a) de Língua Inglesa?

9) Quanto à estrutura física da escola:

não oferece condições

condições limitada

10) Quanto ao interesse dos alunos na disciplina:

nenhum interesse

pouco interesse

são interessado

11) Em suas aulas é utilizado material didático:

em nenhum momento

apenas pelo professor

pelo professor e alunos

12) Como professor de língua inglês, quais as vantagens e/ou desvantagens dessa língua na 8ª série do ensino fundamental?

ANEXO II

Questionário do aluno

- 1) Você gosta da disciplina Inglês?
 sim
 não
- 2) Você acha que essa disciplina (inglês) é importante para seus conhecimentos?
 sim
 não
- 3) Como são suas aulas de inglês?
 pouco interessantes
 normais
 dinâmicas / legais
- 4) Você usa material didático na escola:
 livro de inglês
 apenas escreve no caderno
- 5) Você tem acesso ao inglês no dia-a-dia?
 sim, conheço alguém (amigo ou família) que fala inglês.
 não, apenas na escola.
- 6) Os conhecimentos em inglês que aprende na escola são úteis no seu dia-a-dia?
 sim
 não
- 7) Se você pudesse escolher a língua estrangeira para aprender, qual você escolheria:
 inglês
 francês
- 8) Em suas aulas de inglês, você prefere:
 escrever em inglês
 falar em inglês as palavras aprendidas.
- 9) Qual sua maior dificuldade nas aulas de inglês:
 fala / pronuncia das palavras
 escrever em inglês
 entender a estrutura das frases
- 10) Se você pudesse sugerir mudanças nas aulas de inglês, qual seria sua proposta?
